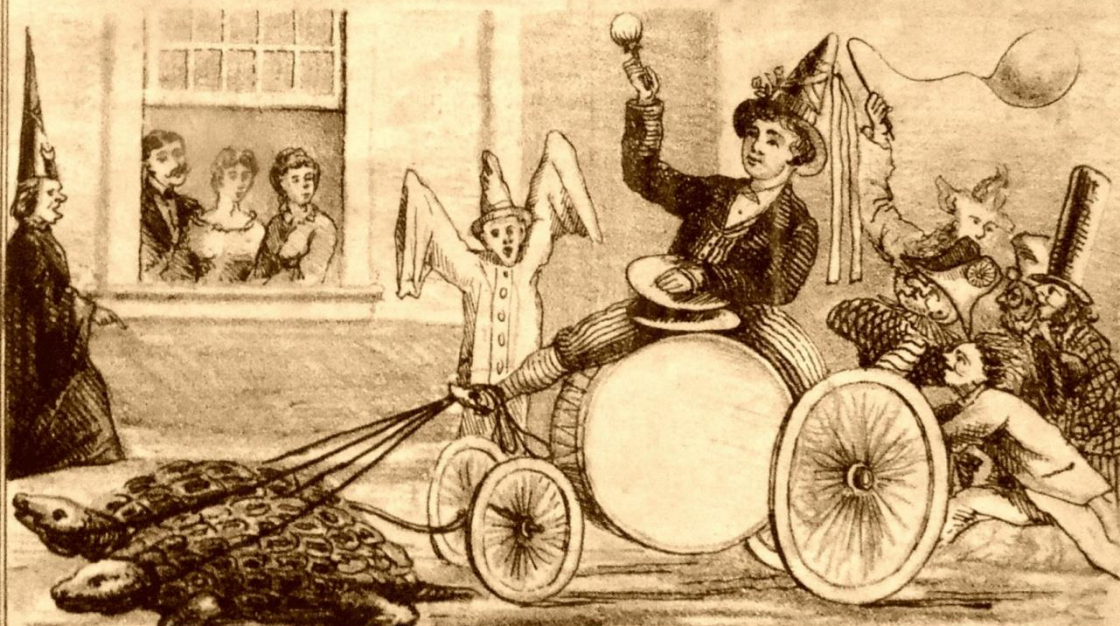


# GRANDE FESTIVAL



## Periodismo pelotense e caricatura: o *Zé Povinho* e a crítica política, social e de costumes

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**

97



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt

Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025





**Periodismo pelotense  
e caricatura: o *Zé  
Povinho* e a crítica  
política, social e de  
costumes**



COLEÇÃO  
RIO-GRANDENSE



## CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

**José Eduardo Franco**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

**Maria Cristina Firmino Santos**

- Universidade de Évora -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

COLEÇÃO  
Francisco das Neves Alves

# Periodismo pelotense e caricatura: o Zé Povinho e a crítica política, social e de costumes



**CIPSH**  
INTERNATIONAL COUNCIL OF POLITICAL SCIENCE AND HUMAN SCIENCES  
CONSEIL INTERNATIONAL DE LA POLITIQUE ET DES SCIENCES HUMAINES

UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)



**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025



**Biblioteca Rio-Grandense**

Lisboa / Rio Grande  
2025

## **DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord)  
Carla Oliveira  
Cécile Méadel  
Fabrice d'Almeida  
João Luís Cardoso  
José Ignacio Ruiz Rodríguez  
Valérie Dévillard  
Pierre-Antoine Fabre

### **COMISSÃO PEDAGÓGICA:**

João Relvão Caetano (Coord.)  
Darlinda Moreira  
Jeffrey Scoot Childs  
Rosa Sequeira  
Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.)  
José Bernardino  
Milene Alves  
Paula Carreira  
Susana Alves-Jesus

## **DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves  
**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil  
**Diretor de Acervo:** Ronaldo Oliveira Gerundo  
**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres  
**2º Secretário:** Marcelo França de Oliveira  
**1º Tesoureiro:** Valdir Barroco  
**2º Tesoureiro:** Mauro Nicola Póvoas

## COSTUMES

### **Ficha Técnica**

- Título: Periodismo pelotense e caricatura: o Zé Povinho e a crítica política, social e de costumes
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 97
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2025

ISBN – 978-65-5306-016-6

**CAPA:** ZÉ POVINHO. Pelotas, 4 fev. 1883.

### **Sobre o autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.





# Apresentação

Utilizando estratégias discursivas, textuais e imagéticas voltadas a sustentar abordagens calcadas na crítica, na jocosidade, na ironia e na sátira, a imprensa ilustrado-humorística caiu no gosto dos brasileiros, passando por fase de ampla expansão, notadamente durante as últimas décadas do século XIX. Nesse sentido, “a comunicação pelo humor e pela caricatura ganhou relevo no país avesso à propagação da palavra escrita”, surgindo “a válvula de escape do *humor* como antídoto contra a censura” e “o *desenho* como expressão plausível de fácil e imediata comunicação”. Esse “recurso da ilustração periódica também vinha na esteira de um modismo”, oriundo “dos jornais caricatos que faziam sucesso na Europa”, de maneira que “não seria diferente no Brasil, onde os modismos não custavam a chegar”<sup>1</sup>.

Desencadeou-se um processo de ampliação das revistas voltadas à difusão da arte caricatural, tendo por foco irradiador a capital imperial, cujos periódicos ilustrados serviriam de modelo para o resto do país<sup>2</sup>. Os

---

<sup>1</sup> MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. p. 26-27.

<sup>2</sup> Sobre tal expansão, observar: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1917. t. 80. p. 583-609.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. São Paulo: Documentário, 1976.

caricaturistas “valeram-se da pedra litográfica como suporte técnico e da crítica política como mensagem de comunicação”, incorrendo também na de natureza social e de costumes. A arte litográfica “permitia a reprodução de custo baixo no território sem tradição de prelos, e a mensagem se infiltrava decisivamente em meio à sociedade”. Nesse quadro, os artistas do “lápis de sebo de carneiro” vieram a investir “especialmente contra a benevolência dos títulos nobiliárquicos, o obscurantismo religioso, a presença retrógrada da instituição escrava, as crises ministeriais” e ainda “nessa produção, em meio às nuances em preto-e-branco, surgiu o monarca D. Pedro II, figura caricata preferencial do período”<sup>3</sup>.

A partir de tal conjuntura, em muitas das localidades brasileiras mais importantes circularam representantes do jornalismo humorístico-ilustrado. Dentre elas estiveram três cidades sul-rio-grandenses, Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas e, nesta última, foram editados pelo menos três semanários de tal gênero. Atingindo significativo progresso econômico, mormente a partir das atividades pecuário-charqueadoras, a comunidade pelotense obteve também importantes avanços no campo cultural. Nesse contexto, conseguiu desenvolver uma imprensa qualificada, com a circulação de diversos gêneros, dentre eles os ilustrados caricatos<sup>4</sup>.

Um desses periódicos vinculados à difusão da arte caricatural foi o *Zé Povinho*, semanário editado em

---

<sup>3</sup> MARTINS & LUCA, 2006. p. 28.

<sup>4</sup> A respeito da imprensa ilustrado-humorística gaúcha, inclusive a pelotense, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

Pelotas de janeiro a julho de 1883. Seu título era inspirado na criação artística do português Rafael Bordalo Pinheiro, que concebeu o Zé Povo como representação da população portuguesa, sendo tal personagem importado pelo Brasil e vindo a ganhar espaço também como alegoria do povo brasileiro. Nesse sentido, o *Zé Povinho* surgia como um representante imagético da redação do hebdomadário, assim como uma espécie de repórter que saía às ruas para buscar notícias, chegando a exercer certo protagonismo em algumas das caricaturas publicadas pelo periódico.

Ao apresentar-se, o *Zé Povinho* dizia ser “a encarnação do belo e do sublime, o símbolo do trabalho e do progresso, a irradiação das ideias úteis e generosas” e “a buzina da ciência através do espaço e do porvir”. Pretendia “chegar ao país do belo ideal” e “à terra prometida dos risos e distrações”, visando a entreter “com a crítica inofensiva” e divertir “com a caricatura sem remoqueus”<sup>5</sup>. Afirmava que seu “fim era todo de utilidade pública e de recreio para a adiantada sociedade” pelotense, buscando constituir “um dos mais humildes obreiros do progresso e da civilização desta cidade”. Além disso, buscava garantir que “nunca” expressaria “uma palavra nem um desenho ofensivo a quem quer que seja”, pois pertencia “à imprensa séria e moralizada”, tendo “disso desvanecimento”, pois se tratava de “um periódico, e não um pasquim”, de forma que procuraria “recrear e não produzir descontentamentos ou provocar odiosidades”<sup>6</sup>. De acordo com tal perspectiva, o *Zé Povinho* teve uma

---

<sup>5</sup> ZÉ POVINHO, 7 jan. 1883, p. 2.

<sup>6</sup> ZÉ POVINHO, 1º abr. 1883, p. 2.

atuação mais moderada, se comparada com a maioria de seus congêneres, mas, mesmo assim, não deixou de exercer uma das marcas registradas das folhas ilustrado-humorísticas, a crítica política e a crítica social e de costumes, as quais constituem o objeto de estudo deste livro.

# SUMÁRIO

**A crítica política / 15**

**A crítica social e de costumes / 35**



## A crítica política

Uma das abordagens mais presentes nas construções imagéticas e textuais da imprensa ilustrada e humorística foi a inter-relacionada com as vivências políticas de uma sociedade. A política pode ser “entendida como forma de atividade ou de práxis humana” que “está estreitamente ligada ao poder”<sup>7</sup>, e como uma “forma de conduta humana livre e polêmica que se projeta como poder sobre a ordem vinculadora de uma comunidade”<sup>8</sup>, vindo a constituir, enfim, na práxis dos homens no e pelo poder. As manifestações jornalísticas de cunho político estão intimamente vinculadas à luta pelo poder, uma vez que a política consiste um dos lugares nos quais o debate exerce, “de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes”, pois “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que e pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”<sup>9</sup>.

Desse modo, o objetivo do embate político movido por meio da imprensa “é vencer a luta através

---

<sup>7</sup> AGESTA, Luís Sánchez. Política. In: SILVA, Benedito (coord.). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 922.

<sup>8</sup> BOBBIO, Norberto et alii. *Dicionário de política*. Brasília: Ed. da UnB, 1992. v. 2. p. 954.

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 9-10.

do jogo da desconstrução e reconstrução de significados, interpelando através da construção articulada de uma visão de mundo”, refletindo-se assim, por meio das palavras, as ideias e as atitudes<sup>10</sup>. Nesse contexto, as práticas jornalísticas têm “um papel fundamental em redimensionar o discurso político, criando inclusive novos polos de polêmica, pautando temas e comportamentos”<sup>11</sup>. Esses enfrentamentos traduziram-se também na formação de um “conflito discursivo” expresso em grande parte através do jornalismo, ou seja, na existência de “dois contextos discursivos antagônicos”, no qual “os interlocutores se constituem como dois lugares sociais com igual poder de palavra, mas adversários”, de maneira que esses dois contextos se “remetem a discursos em algum sentido em conflito” e, sob tais “circunstâncias, a relação enunciativa se desenvolve como uma luta pela hegemonia de um deles”<sup>12</sup>.

O *Zé Povinho* também trilhou os caminhos desses conflitos políticos, embora de forma menos veemente que seus congêneres citadinos. Um dos olhares lançados pelo periódico sobre a política esteve relacionado à alternância do poder, no caso em relação ao âmbito

---

<sup>10</sup> PINTO, Céli Regina. A sociedade e seus discursos. In: *Com a palavra o senhor Presidente José Sarney*. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 51-2.

<sup>11</sup> PINTO, Céli Regina. Ao eleitor a verdade: o discurso político da imprensa em tempos eleitorais. In: BAQUERO, Marcello (org.). *Brasil: transição, eleições e opinião pública*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1995. p. 67-68.

<sup>12</sup> MARTINS, Eleni J. *Enunciação & diálogo*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990. p. 180-181.



PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

municipal, mostrando os funcionários da Câmara Municipal que aplaudiam tanto os edis que eram afastados do poder, quanto os outros que chegavam para ocupar seus cargos<sup>13</sup>. A personificação simbólica dos enfrentamentos políticos ficou expressa pelo hebdomadário ao apresentar a vizinha cidade do Rio Grande, representada alegoricamente por um ancião, tendo em vista tratar-se da mais antiga localidade sul-rio-grandense, que, em uma eleição para deputado provincial, estaria a fazer campanha para dois candidatos muito diferentes entre si, de modo que estaria a acender “uma vela a Deus e outra ao diabo”. Em outro cenário, o político liberal rio-grandino José Francisco Diana, deputado por vários anos seguidos<sup>14</sup>, lamentava a forma pela qual foram apreciadas as contas públicas, lamentando pela “injustiça” diante de seus “sacrifícios”, ao que seu interlocutor respondia com uma frase atribuída à grande liderança liberal gaúcha de então, Silveira Martins, dizendo-lhe que “o poder é o poder”<sup>15</sup>.

---

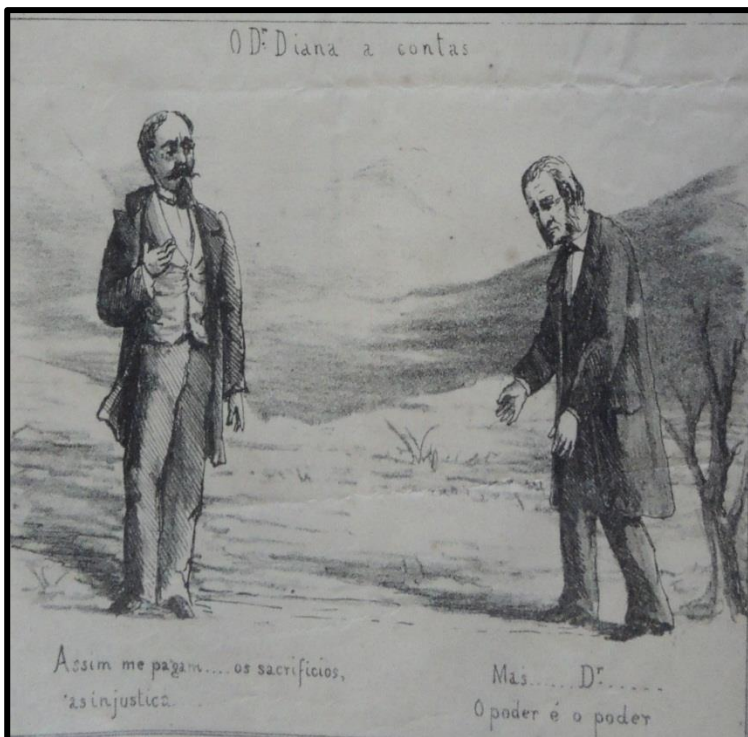
<sup>13</sup> ZÉ POVINHO, 14 jan. 1883, p. 8.

<sup>14</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. *Dicionário político do Rio Grande do Sul (1821-1937)*. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010. p. 77.

<sup>15</sup> ZÉ POVINHO, 28 jan. 1883, p. 2 e 4.



PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES



A política imperial também foi apreciada pela publicação ilustrado-humorística pelotense, ao abordar aquilo que designou como os “sonhos pavorosos na Corte imperial”. A folha referia-se aos obstáculos colocados à frente da figura do imperador, representados por uma réstia de cebolas, que ele segurava à mão direita, vindo a constatar que lhe parecia “que tenho que mandar vir outras”, em alusão a possíveis mudanças em seu ministério. A cena era completada com a presença de políticos exaltados que

estariam pronto a atentar contra a forma de governo vigente e/ou contra o próprio Pedro II, com a afirmação de que “os niilistas na Corte tramam contra S. M.”<sup>16</sup>. As disputas políticas na Assembleia Provincial eram observadas pelo periódico como um verdadeiro enfrentamento militar, no qual o chefe liberal, que dominava a vida política gaúcha de então, Gaspar Silveira Martins<sup>17</sup>, arregimentava e organizava suas forças, buscando mantê-las numerosas, coesas e disciplinas, ao passo que seu antagonista contava com um contingente bem inferior<sup>18</sup>.



<sup>16</sup> ZÉ POVINHO, 25 fev. 1883, p. 2 e 5.

<sup>17</sup> FRANCO, 2010. p. 132.

<sup>18</sup> ZÉ POVINHO, 4 mar. 1883, p. 2 e 4.

PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES



Como representante da zona sul gaúcha, o político liberal já retratado anteriormente, deputado Diana, se via em dificuldades ao enfrentar a manifestação dos anseios dos pelotenses que estariam a vir de encontro ao dos rio-grandinos, explicando o hebdomadário que o parlamentar estaria “metido em camisa de onze varas”, ao ter que enfrentar aquele tipo de pressão<sup>19</sup>. Definindo a circunstância como “política da atualidade”, o *Zé Povinho* retornava a mostrar Silveira Martins com o pleno comando de suas tropas, ou seja, os deputados que os seguiam, enquanto o adversário via simplesmente sumir o contingente que deveria estar ao seu comando<sup>20</sup>. Voltando a tratar da “política da atualidade”, o semanário trazia nova caricatura com o protagonismo do chefe liberal, Silveira Martins, promovendo mais uma aliança política, designada como “coisas destes tempos”<sup>21</sup>. Repetindo o tema de “política da atualidade”, a folha mostrava na Assembleia Provincial um grupo de políticos discutindo o adiamento de uma discussão, considerado como “dos males o menor”, assim como apresentava a inação junto à redação de um dos periódicos com tendências partidárias de então, apontando que poderiam ser obtidas “informações no escritório da *Discussão*”<sup>22</sup>.

---

<sup>19</sup> ZÉ POVINHO, 4 mar. 1883, p. 2 e 5.

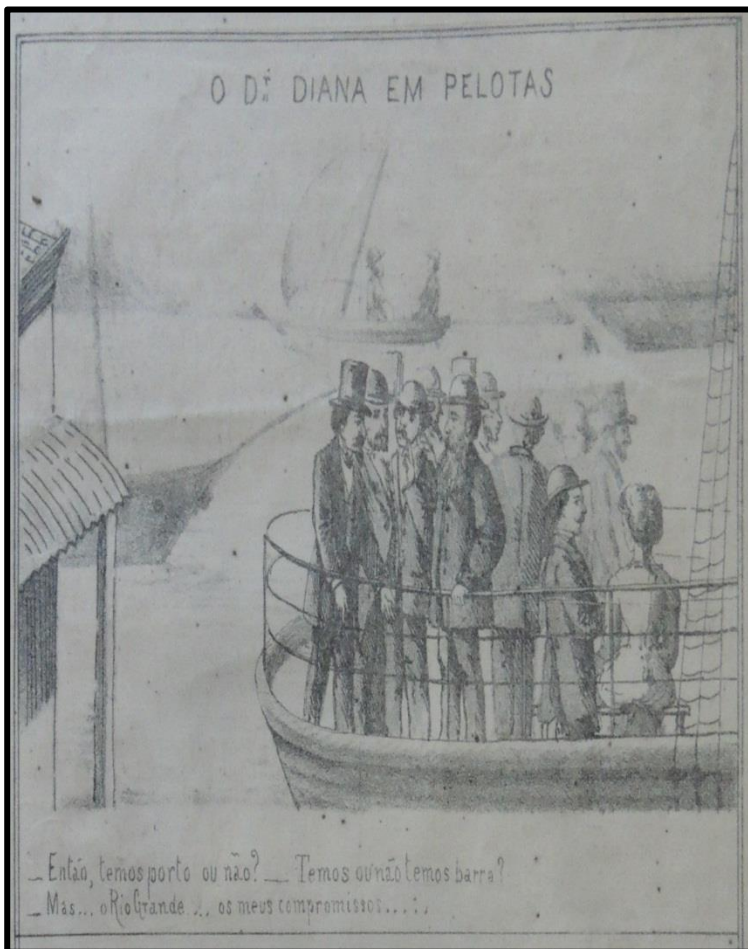
<sup>20</sup> ZÉ POVINHO, 11 mar. 1883, p. 2 e 4.

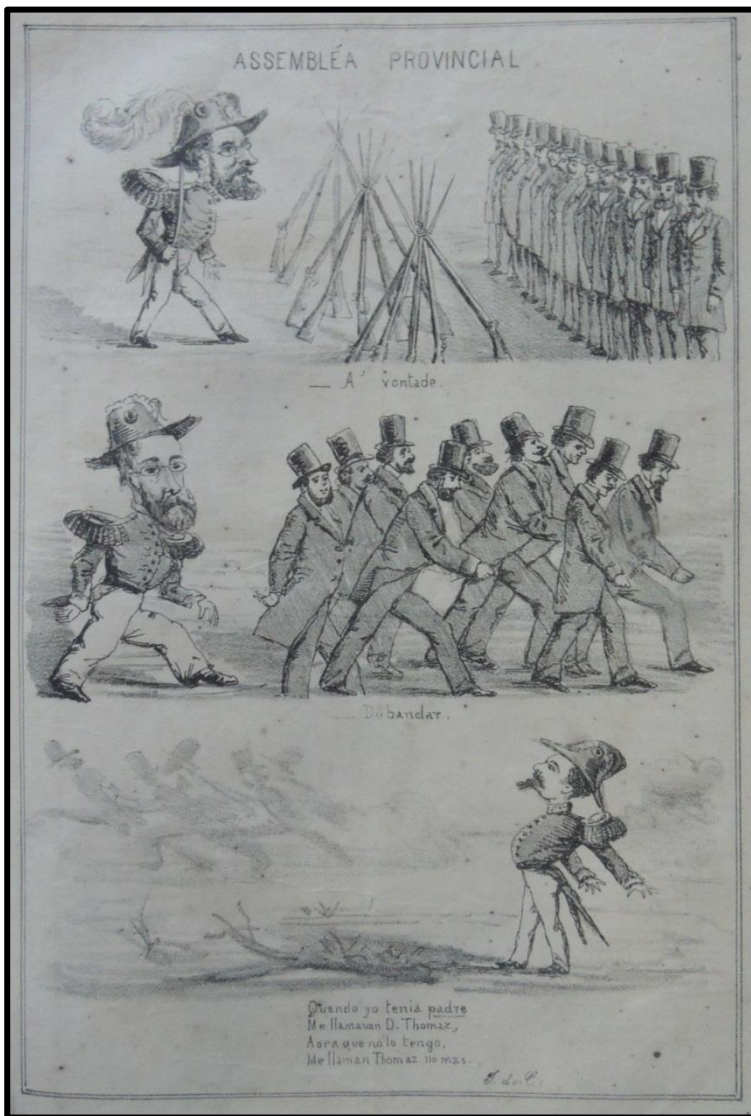
<sup>21</sup> ZÉ POVINHO, 18 mar. 1883, p. 2 e 5.

<sup>22</sup> ZÉ POVINHO, 25 mar. 1883, p. 2 e 4.



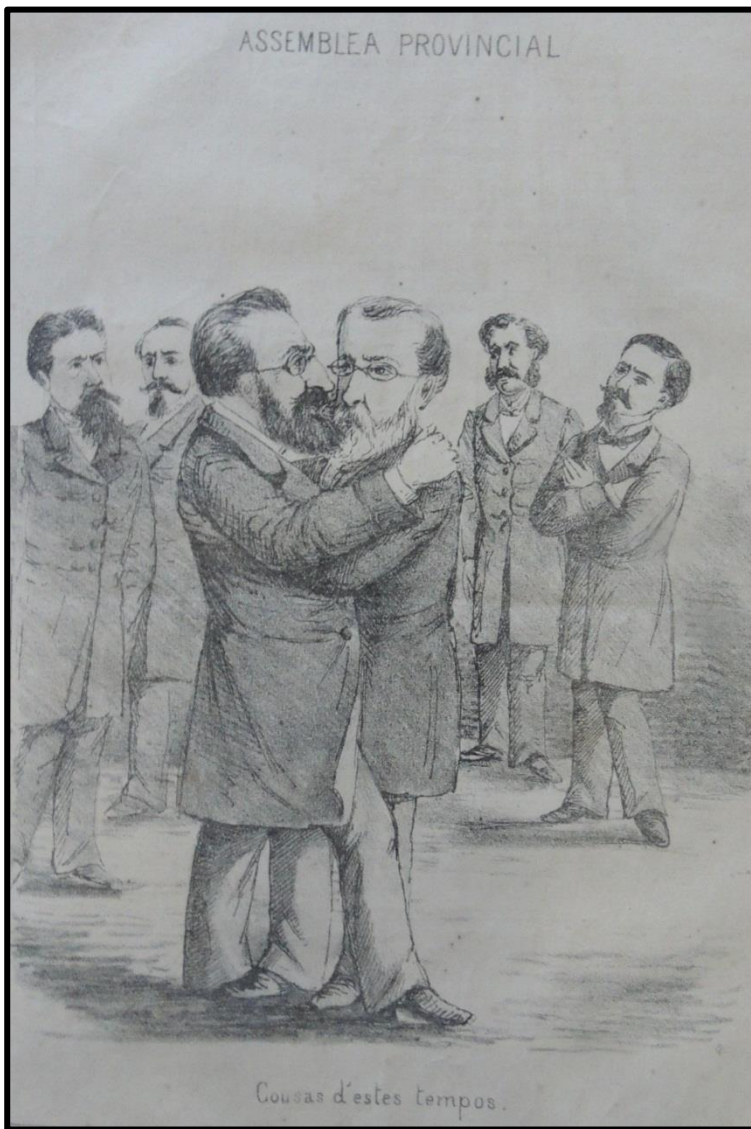
PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

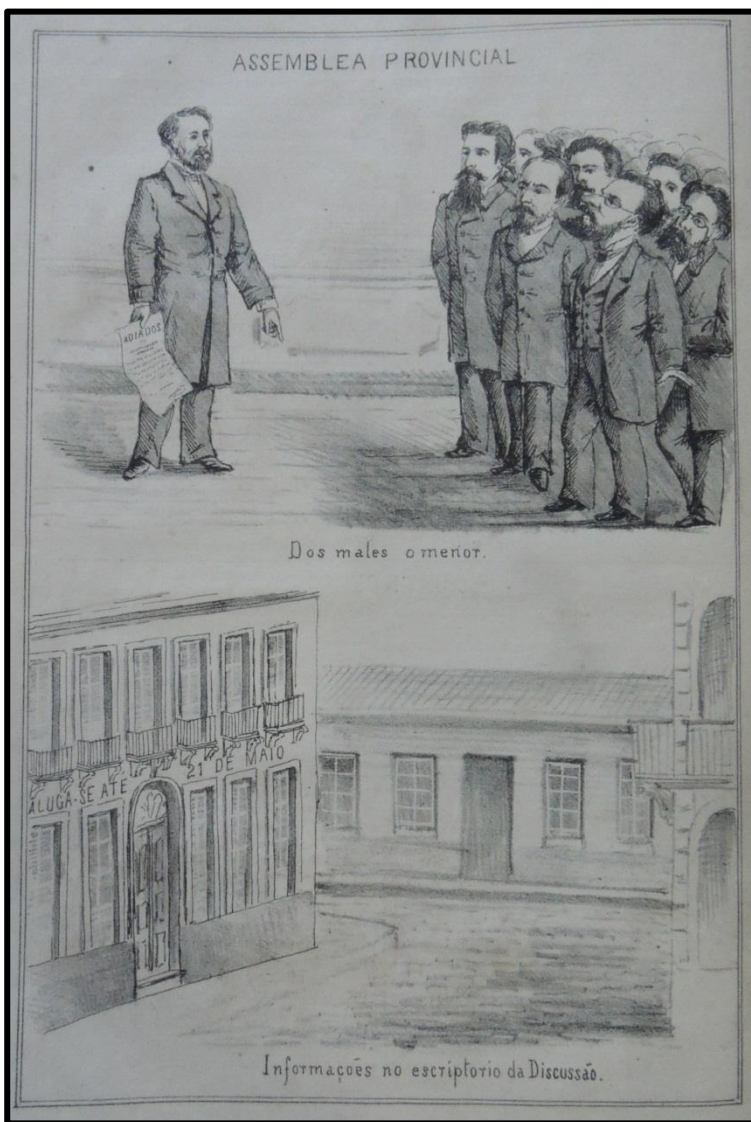






PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES





PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O *ZÉ*  
*POVINHO* E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

O político e deputado liberal Fernando Luís Osório<sup>23</sup> foi outro dos destaques nas páginas do *Zé Povinho*, ao mostrar manifestação na qual o parlamentar era aclamado na capital provincial, vindo a agradecer ao povo porto-alegrense<sup>24</sup>. A liderança incontestada de Silveira Martins era mais uma vez demonstrada pelo periódico, ao apresentar os “projetos adiados na Assembleia Provincial” a partir de seu comando, diante do que “os prejudicados foram os jornalistas”, por ficarem sem as notícias. Em seguida Gaspar Silveira Martins, era desenhado aproveitando-se das “delícias de Cápua, à sombra da pitombeira”, no sentido de estar usufruindo de suas vitórias na casa legislativa, mas também designando os cuidados que o político precisaria tomar para não se deitar sobre os louros da vitória e deixar brechas para os adversários. Uma nova visita do político liberal Dr. Diana era ilustrada com a sua chegada à cidade, simbolizada por uma alegoria feminina, estando o parlamentar preocupado com o tipo de reivindicação que poderia receber de parte dos cidadãos pelotenses<sup>25</sup>. Esta mesma personalidade política era representada em uma viagem de Pelotas a Jaguarão, visando a aplacar a “onda” e a “sombra” que ameaçavam bater-se contra ele<sup>26</sup>. As vivências políticas no contexto internacional, mais especificamente no país fronteiro ao Rio Grande do Sul também foram tratadas pelo hebdomadário ao mostrar “a política oriental”, referindo-se aos tradicionais conflitos partidários na

---

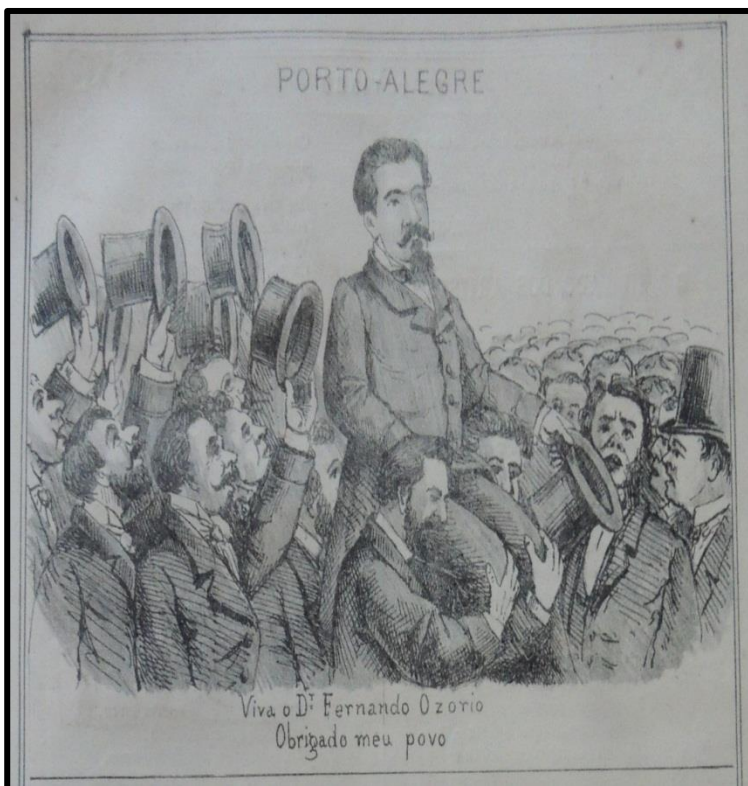
<sup>23</sup> FRANCO, 2010. p. 153.

<sup>24</sup> *ZÉ POVINHO*, 25 mar. 1883, p. 2 e 5.

<sup>25</sup> *ZÉ POVINHO*, 1º abr. 1883, p. 3, 4 e 8.

<sup>26</sup> *ZÉ POVINHO*, 8 abr. 1883, p. 2 e 4.

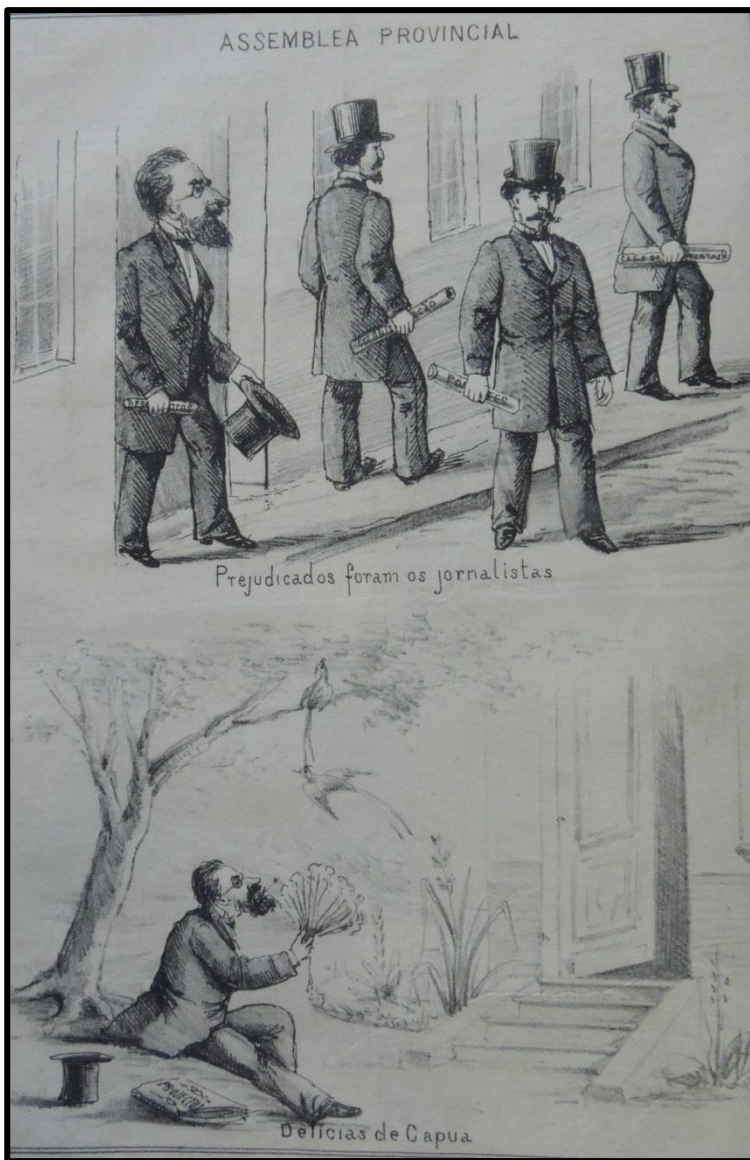
nação vizinha, apontando “o coronel Latorre espalhando o terror no governo do general Santos”<sup>27</sup>.



---

<sup>27</sup> ZÉ POVINHO, 15 abr. 1883, p. 3 e 5.

PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES





FRANCISCO DAS NEVES ALVES



PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES







PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

Os conflitos políticos movidos por meio da imprensa estão intimamente relacionados “com o caráter de luta que a construção desse tipo de discurso envolve”. Tal “luta é o jogo do significado, é o jogo da construção do antagonismo”, ou seja, “cada discurso busca construir a sua visão de mundo em oposição à visão de mundo do inimigo” e “o antagonismo se constrói pelo esvaziamento do significado do discurso do outro”<sup>28</sup>. Surgia então o espaço para a “autodesignação dos parceiros e dos adversários”, verificando-se a forma pela qual um partidário “designa a si mesmo” e “como designa seus aliados e seus inimigos”<sup>29</sup>. Ainda que com uma prática da crítica política mais moderada, o *Zé Povinho* não deixou de apresentar tais confrontos, mormente na conjuntura provincial, em que mostrou a preeminência dos liberais liderados por Gaspar da Silveira Martins, sem deixar de demonstrar os riscos que tal predomínio poderia sofrer, assim, como a própria forma de governo monárquica como um todo também poderia estar ameaçada.

---

<sup>28</sup> PINTO, 1989. p. 55.

<sup>29</sup> PROST, Antoine. As palavras. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 312-313.



## A crítica social e de costumes

O olhar crítico da imprensa caricata encontrou na vida social e em seus costumes um alvo preferencial. A “concepção de existência” da caricatura “está no deslize” em meio às sociedades. Ao ser “não convencional, descomprometida, irreverente”, a arte caricatural “populariza a sátira” e, “de um ponto de vista artístico”, sua “peculiaridade está na capacidade de tornar o óbvio ridículo”. A caricatura “sobrevive em quaisquer circunstâncias e se destaca toda vez que uma sociedade, qualquer que seja o seu grau de cultura”, se surpreende “por uma violação de expectativa que reverte” perspectivas “políticas, morais, sociais, econômicas”<sup>30</sup>.

A ação caricatural expressa por meio do periodismo promove uma mescla de sua prática predominante – o humor – com um enfoque que não deixa de ser sério. Ela exerce assim uma prática jocoséria, uma vez que o humor pode ser “divertido e sério ao mesmo tempo”, refletindo desse modo “uma qualidade vital da condição humana”. Nesse sentido, “o humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas”, oferecendo “um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura”<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 64.

<sup>31</sup> DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman

Tal arte traz consigo o “caráter de espelho indisfarçado da realidade”, observando-a “com a sua lente específica”, com a finalidade “de caracterizar aquilo que visa no momento – fato ou personalidade”. De acordo com essa perspectiva, a caricatura exige um “poder de síntese, seja pessoal, seja social ou política”, com “a fixação do traço definidor de um caráter ou de uma situação”, além de uma “acuidade de observação”, e da “sensibilidade do caricaturista, em condições” que lhe tragam “a apreensão de certos índices, pessoais ou coletivos, reveladores do *páthos* individual ou das massas”<sup>32</sup>. A partir da criação caricatural, “a representação da sociedade pela dimensão cômica” permitia, “tanto na vida cotidiana, quanto nas situações coletivas, livrar-se, pela irreverência, de autoridades e gestos incômodos, de si mesmo ou de outros”<sup>33</sup>.

Ao longo de suas edições, o *Zé Povinho* abordou várias questões sob o prisma da abordagem do cotidiano e da crítica social e de costumes. Uma das primeiras incursões deu-se na primeira página do periódico, ao mostrar uma das recorrentes atividades realizadas em meio à alta sociedade pelotense, pretensamente preocupada com os segmentos sociais mais baixos, de modo que o intento da atividade seria a arrecadação de

---

(orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 251.

<sup>32</sup> LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 28-29.

<sup>33</sup> SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 364.

PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

fundos para supostamente mitigar as dificuldades dos desvalidos. A cena mostrava um baile, com a presença de homens e mulheres da sociedade local, todos observados, ao canto, pelo próprio *Zé Povinho*, como designação da redação do semanário que, de chapéu à mão e o crayon na outra, realizava uma reportagem sobre o ocorrido. A legenda trazia consigo o conteúdo de um provérbio popular alusivo ao evento: “Quem dá aos pobres empresta a Deus”<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> ZÉ POVINHO, 14 jan. 1883, p. 1.

ANNO 1 - PELOTAS 14 DE JANEIRO DE 1882 Nº 2

# OVINHO

HONI SOIT QUI MAL Y PENSE

CIDADE	PUBLICADO POR F. R. NORONHA	PARA FORA
ANNO	REDACÇÃO	ANNO
SEMESTRE	20 RUA 7 DE SETEMBRO 20	SEMESTRE
TRIMESTRE		TRIMESTRE

*Quem dá aos pobres empresta a Deus.*

PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

O personagem que simbolizava a publicação ilustrado-humorística pelotense surgia novamente, conversando com um ancião, que representava a vizinha cidade do Rio Grande, a pioneira comunidade rio-grandense, com a presença de vários cidadãos rio-grandinos, tendo ao fundo o ambiente portuário. O tema da ilustração era a queda de arrecadação alfandegária gerada a partir das dificuldades de acesso marítimo no porto do Rio Grande, cujo melhoramento era uma das mais relevantes pautas de reivindicação da zona sul gaúcha. Nessa linha, o velho mostrava ao *Zé Povinho* os péssimos resultados da “*mesa de rendas*”, diante do que o periódico concluía que a crise era irremediável, com a constatação de que “*Desta vez gorou o pinto*”<sup>35</sup>.



---

<sup>35</sup> ZÉ POVINHO, 14 jan. 1883, p. 8.

O cotidiano social também foi observado pelo hebdomadário caricato pelotense no que tange às atividades de lazer. Nesse sentido, retratava uma passagem “Na serra”, descrita como um momento agradável, a partir do deslocamento da população para tais locais considerados paradisíacos, reproduzindo assim, os “episódios da serra na estação calmosa”. O próprio *Zé Povinho* usufruía de tais prazeres, ao despir-se de suas vestimentas, deixando-as junto ao crayon à margem, enquanto mergulhava nas águas, aliviando-se do calor do verão, vindo a constatar: “como isto é bom!”. Havia destaque também para as práticas gastronômicas, com a realização de convescotes, com direito a “regabofe”, constatando o periódico que havia “grande pândega aos domingos, na floresta, sem alusões”. Também os inconvenientes eram apontados, como o caso de um leitor do *Zé Povinho*, indicado como “um caçador sem ventura” que acabava servindo como alvo das pombas. As excursões a cavalo – descritas como “as famílias de passeio pelas campinas” –, e de carroça – tratando “como se fazem as visitas na serra” – eram outro ponto enfocado, tanto que até mesmo o *Zé Povinho* cavalgava uma mula, cumprindo seu papel de repórter, ao deslocar-se “à procura de assunto”<sup>36</sup>.

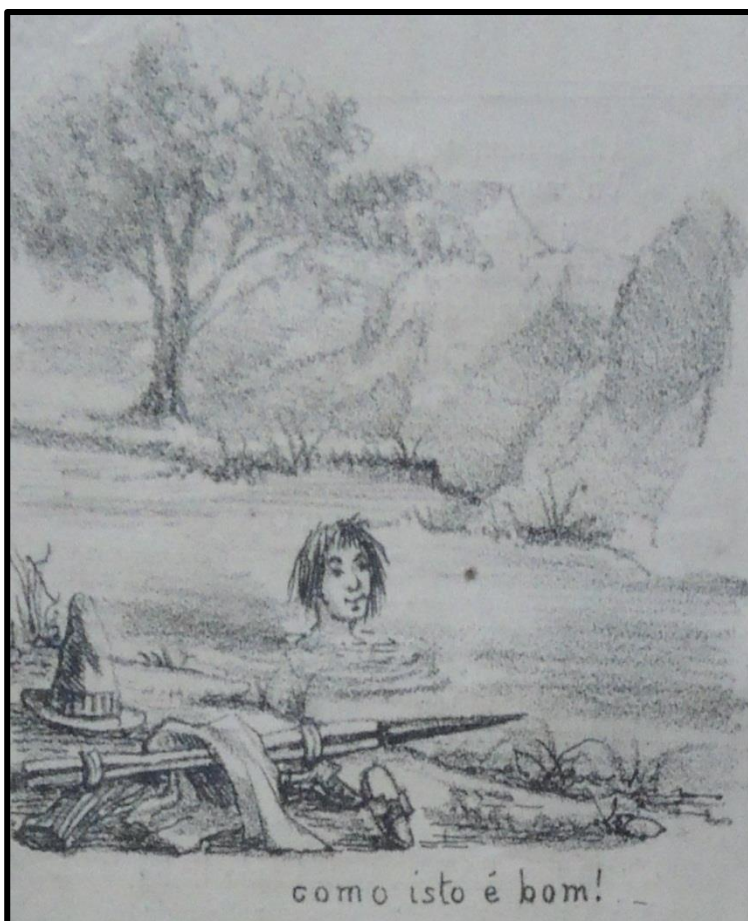
---

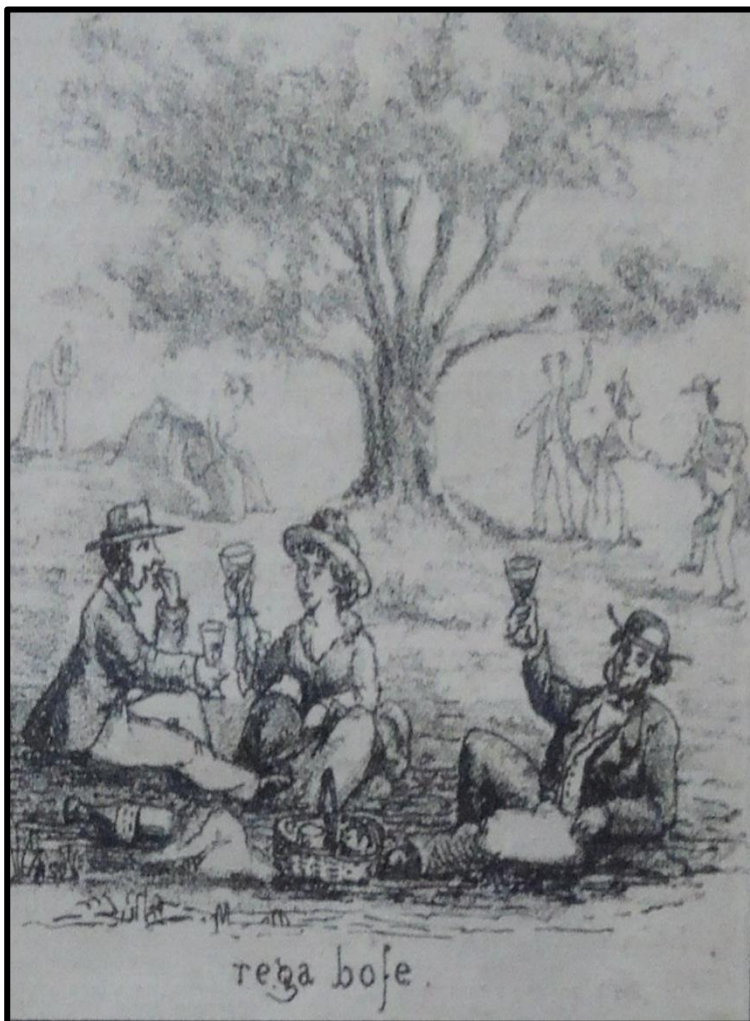
<sup>36</sup> ZÉ POVINHO, 21 jan. 1883, p. 2 e 8.



PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

NA SERRA





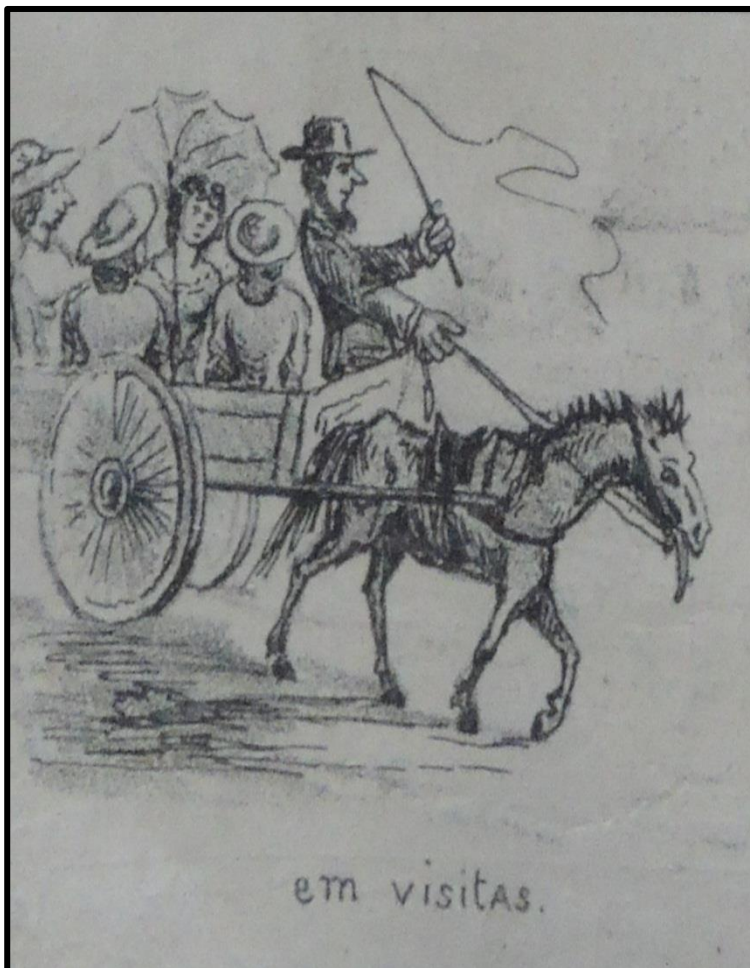
PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES







PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES





As carências quanto à segurança pública eram tratadas como uma questão social a ser resolvida, ao denunciar as falhas no sistema repressivo, ficando “a

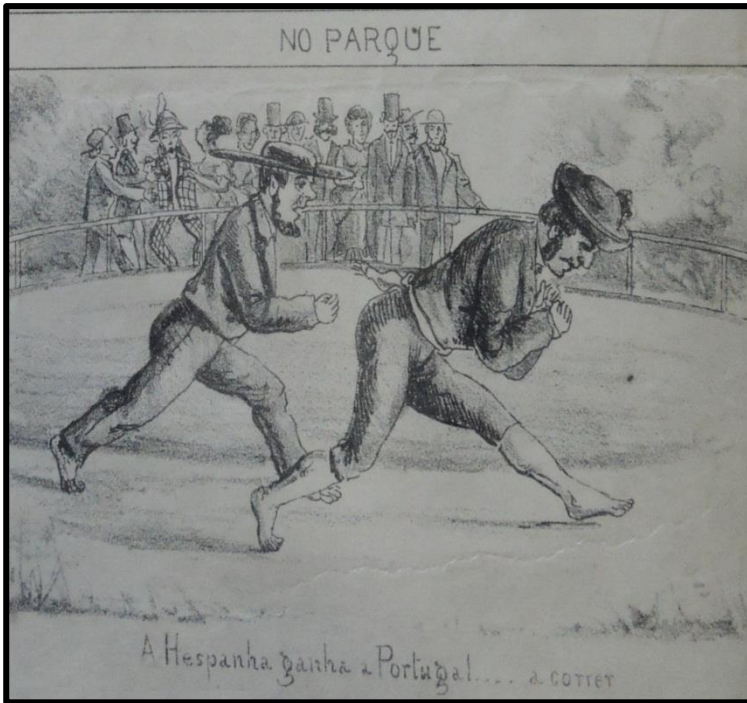
PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

polícia... a beber e dormir”, ao passo que “os gatunos espreitam”, ficando à cidade à disposição da ladroagem. A cena era descrita pelo periódico em um quadro pelo qual, “enquanto a polícia dorme no quartel e bebe pelas tavernas, os gatunos andam em atividade”<sup>37</sup>. A presença das colônias estrangeiras junto à comunidade sulina foi também apresentada comicamente pelo semanário pelotense, como ao trazer “uma corrida a pé no hipódromo do Parque”, na qual “a Espanha ganha a Portugal”, estando os representantes de cada uma das nações em seus respectivos trajes típicos<sup>38</sup>.



<sup>37</sup> ZÉ POVINHO, 28 jan. 1883, p. 5.

<sup>38</sup> ZÉ POVINHO, 25 fev. 1883, p. 3 e 4.



Em uma época na qual os casamentos arranjados eram ainda uma realidade, refletindo conjuntura em que as questões sentimentais e românticas sucumbiam perante os interesses econômico-financeiros, mormente em meio às classes mais abastadas e suas intenções de manter ou aumentar a concentração de riquezas, a imprensa caricata tratou em larga escala de tal tema sob o prisma da crítica de costumes. Além disso, outro tópico comum nas relações a dois era o da aparência, mormente no caso feminino, sendo retratados todos os propalados esforços das mulheres para acompanhar a

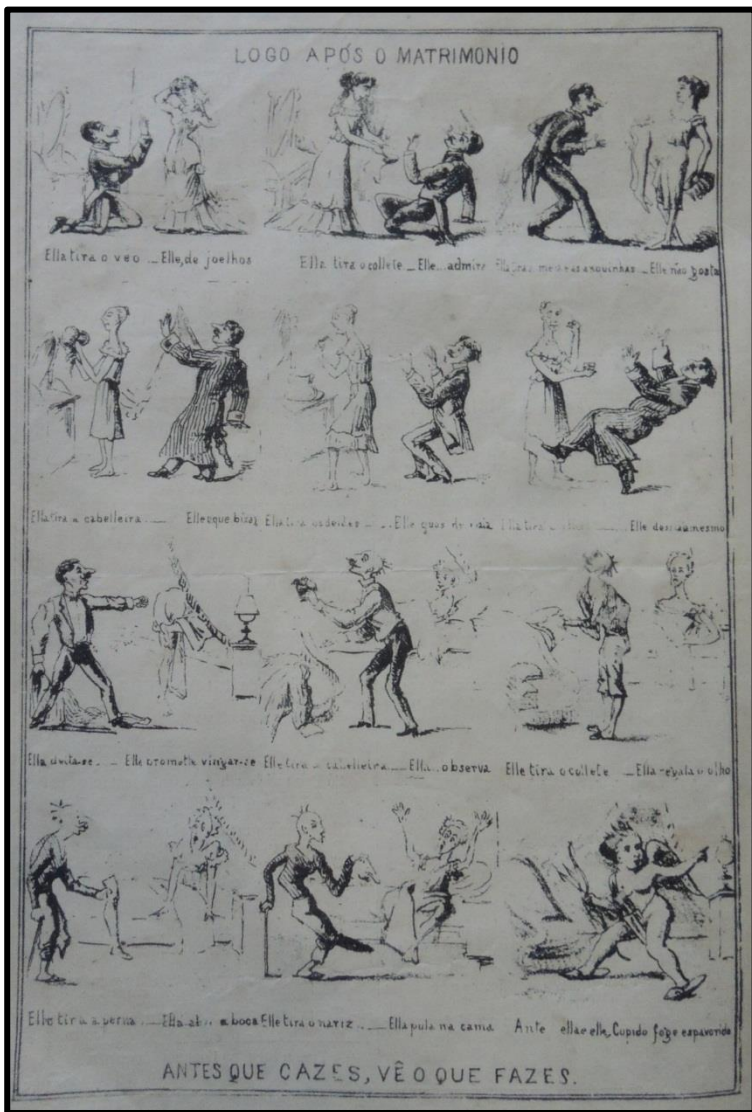


PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O *ZÉ*  
*POVINHO* E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

moda e manter-se bela, sem que por vezes tais alusões também se referissem aos homens. Os periódicos caricatos então criticavam a frivolidade e o reinado da busca pela beleza como vícios que traziam malefícios à sociedade e tendiam a constituir fator desagregador das relações matrimoniais. A respeito de tal temática, o *Zé Povinho* trouxe um conjunto caricatural denominado “Logo após o matrimônio”, no qual um casal recém-casado revelava os limites de uma relação em que os parceiros só vinham a conhecer-se mais intimamente após a realização do casório. Em um primeiro momento, o marido mostrava-se enamorado da novel esposa, mas tal percepção vai mudando à medida que ela vai se despojando de alguns dos elementos embelezadores, como o véu, o colete, as anquinhas, a dentadura e até um olho de vidro. Mas a recíproca logo se faria evidente, quando o homem também se despia da peruca e do colete, além de retirar uma perna postiça e inclusive o nariz. Diante da cena, o hebdomadário demonstrava os limites do casamento romântico, pois até mesmo o “cupido foge espavorido”. Ao final, a folha ilustrada, que descrevia o desenho como as “desilusões após o matrimônio”, deixava um conselho aos seus leitores, ao expressar o “conceito: – Antes que cases, vê o que fazes”<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> *ZÉ POVINHO*, 25 fev. 1883, p. 3 e 8.



PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O *ZÉ*  
*POVINHO* E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

Olhares sobre o cotidiano social também serviam como mote para as críticas do *Zé Povinho*, como foi o caso do conjunto de caricaturas intitulado “Não será caceteação?”, o qual se referia aos atos de incomodar, aborrecer, amofinar, chatear e maçar. Nesse sentido, o periódico abordava atos ou circunstâncias do dia a dia que traziam certos transtornos, definindo os quadros mostrados como “diversos grupos pitorescos”. Uma delas era a ação incessante do cobrador, que levava suas tarefas a todo e qualquer lugar, seguindo implacavelmente o devedor, pronto a entregar-lhe “uma conta”. Outro incômodo era aquele provocado pelo ato de filar, ou seja, aquele que não media consequências para pedir algo, especificamente naquele cenário tratava-se de um indivíduo que pretendia acender seu charuto e pedia ao outro “faz favor do seu fogo”. O atraso, com a perda do meio de transporte era outra chateação enfocada, com um pretenso viajante vindo a constatar “E esta?... perdi o vapor!”. Os usos e costumes também eram alvo da óptica crítica e jocosa, revelando a inutilidade de um instrumento bastante usual à época, vindo um dos personagens a expressar: “Que chuva! e nós de bengala”. Um inoportuno, oferecendo-se para consorte de um membro da família também aparecia para amofinar, dizendo: “Sabes? caso-me com a tua prima”. Até mesmo os votos de pêsames, em missa de 7º dia, eram observados como uma maçada, com a repetição dos temos protocolares. A ansiedade e a ambição para conseguir dinheiro eram outros fatores criticáveis. Mais um aborrecimento em destaque era vinculado aos riscos de atuar como fiador de outrem. Finalmente, um homem que buscava prender a atenção

dos presentes com seu discurso, era igualmente encarado como uma caceteação<sup>40</sup>.

NÃO SERÁ CACETEACÃO?



---

<sup>40</sup> ZÉ POVINHO, 4 mar. 1883, p. 3 e 8.

PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES







PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES







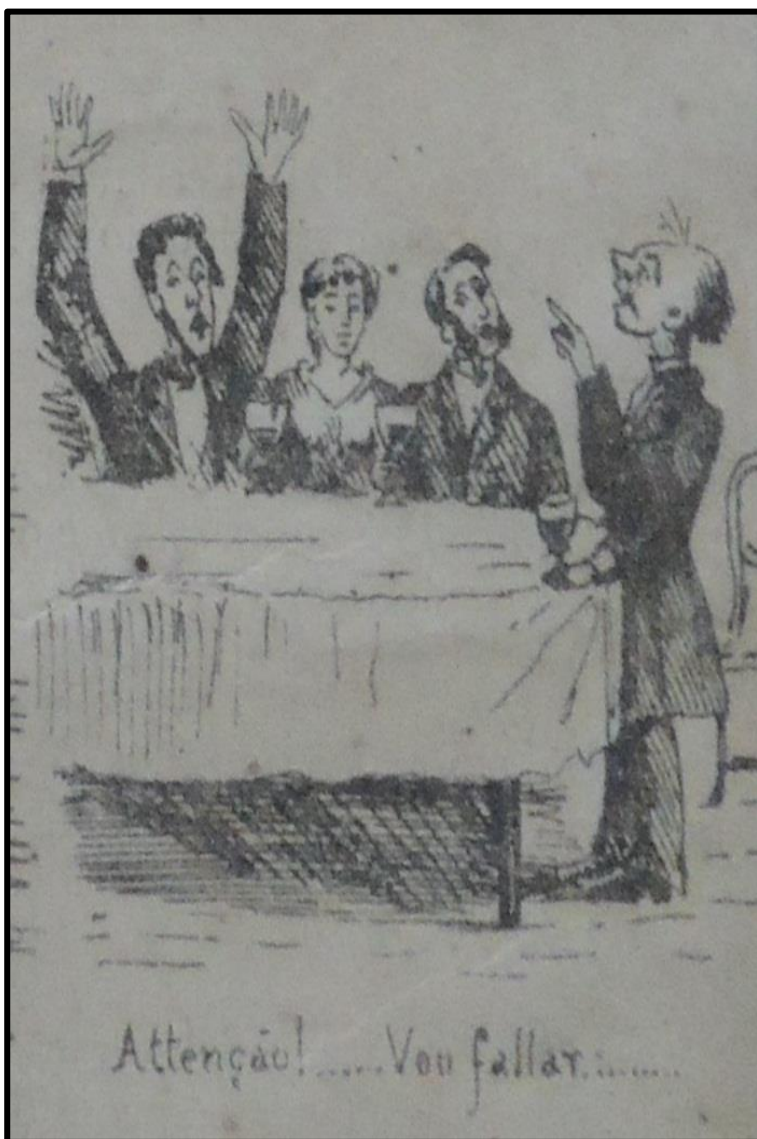
PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES





PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES





PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O *ZÉ*  
*POVINHO* E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

Um outro hábito do cotidiano para o qual a publicação ilustrado-humorística lançava seu olhar voltado à crítica de costumes esteve vinculado à prática comum de jogar fogos em momentos festivos. Para o periódico, tal ato era carregado de perigos, qualificando-o chistosamente como “utilidade da dinamite”, com vários indivíduos sendo atingidos pelos projeteis<sup>41</sup>. O costume de malhar o Judas, típico da Semana Santa, também foi retratado pelo semanário, que colocava o seu próprio símbolo, o *Zé Povinho*, a levar os seus devedores à forca. Assim, segundo a folha, tratava-se do “*Zé* olhando para os seus credores em sábado de aleluia”<sup>42</sup>. Em tom anedótico, um ato trivial como um acidente doméstico transformava-se em conjunto caricatural denominado “História de um barrete”. Na historieta, um homem adormecia lendo o próprio periódico caricato pelotense, vindo a ter a ponta de sua touca de dormir queimada em uma vela. A partir daí ele passava a buscar a origem daquele cheiro de queimado, verificando se seria o caso de um cigarro perdido, de uma chaminé mal apagada, ou ainda da tenda da esquina. Sem descobrir a causa do fogo, o personagem chegava a se vestir para verificar se algo ocorria na rua, até finalmente descobrir o fator do pequeno incêndio, vindo a mergulhar em seu urinol para eliminar o foco de fogo sobre sua cabeça<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> *ZÉ POVINHO*, 18 mar. 1883, p. 3 e 8.

<sup>42</sup> *ZÉ POVINHO*, 25 mar. 1883, p. 2 e 8.

<sup>43</sup> *ZÉ POVINHO*, 15 abr. 1883, p. 3 e 8.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES





PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

HISTORIA DE UM BARRETE

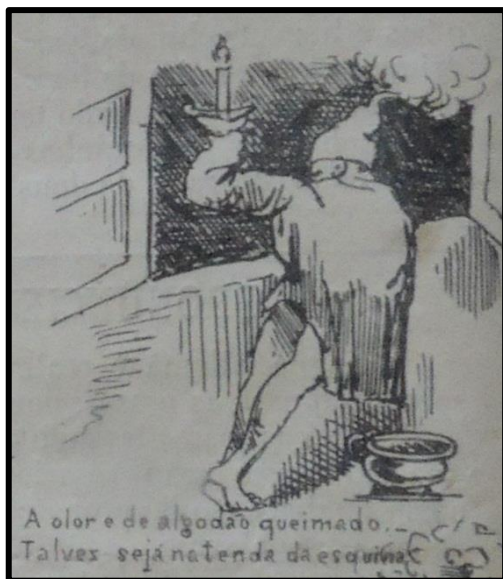






PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES





PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES



Ao final do século XIX, “o anticlericalismo se tornou um problema central da política dos países católicos” levando em conta “duas razões principais”, ou seja, “a Igreja Católica Romana optara por uma rejeição total da ideologia da razão e do progresso”, bem como “porque a luta contra a superstição e o obscurantismo, mais que dividir capitalistas e proletários, uniu a burguesia liberal e a classe trabalhadora”<sup>44</sup>. Tal “crítica à

---

<sup>44</sup> HOBBSBAWM, Eric J. *A Era dos impérios (1875-1914)*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 368.

Igreja Católica assumiu diversas formas” e, dentre elas, “monges e frades, por exemplo, foram alvos constantes de ideias anticlericais”, desencadeando-se assim “uma postura crítica referente ao monasticismo, sendo os mosteiros e conventos vistos, muitas vezes, como instituições inúteis, perniciosas e dispendiosas”. Os princípios anticlericais definiram na condição de “nocivo o papel desempenhado pela Igreja como instituição na sociedade brasileira”, além de terem tecido severas “críticas ao comportamento do clero”<sup>45</sup>.

Com as suas múltiplas modalidades, o anticlericalismo “deu-se desde as mais moderadas até as mais radicais, ou seja, em suas diferentes manifestações, ele poderia tanto defender o fim da instituição eclesiástica com a sua reforma”, ou mesmo advogar a sua supressão. Esse princípio “pode referir-se à crítica da Igreja enquanto instituição negando seu próprio direito de existência ou reconhecendo-o, mas apontando seus desvios”<sup>46</sup>. De acordo com sua tendência mais moderada, o *Zé Povinho*, ao contrário de seus congêneres, fez poucas incursões ao anticlericalismo. Em número de duas, tais incidências se relacionavam com acontecimento na cidade vizinha, referindo-se o periódico ao “sermão do encontro no Rio Grande”, com o clérigo assumindo feições monstruosas e xingando os fiéis de “raças de crocodilos e víboras danadas”, mas

---

<sup>45</sup> SOUZA, Ricardo Luiz de. O anticlericalismo na cultura brasileira: da colônia à república. In: *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis: EDUFSC, n. 37, abr. 2005. 182-183.

<sup>46</sup> SILVA, Michel Goulart da. O anticlericalismo no jornal *O Livre Pensador*. In: *Anos 90 – Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, Porto Alegre, v. 26, 2019, p. 4-5.

PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

vindo a notar que “eles ouviram”<sup>47</sup>. Na edição seguinte, aparecia a continuação, com a conciliação entre os fiéis e o padre, o qual reassumia feições humanas, embora a mão direita continuasse a revelar suas verdadeiras intenções. Diante disso, o semanário comentava que “víboras e crocodilos transformaram-se em cordeiro”, brincando com a denominação atribuída aos seguidores do catolicismo, sem deixar de denunciar a falsidade e a hipocrisia nas relações entre o sacerdote e os frequentadores de sua igreja<sup>48</sup>.



<sup>47</sup> ZÉ POVINHO, 25 mar. 1883, p. 2 e 5.

<sup>48</sup> ZÉ POVINHO, 1º abr. 1883, p. 2 e 5.





No que tange ao carnaval, o *Zé Povinho* seguiu a tradição do conjunto da imprensa ilustrado-humorística, em meio a qual, na época do ano voltada às folias de Momo, a abordagem “dava-se inteira ao carnaval”, aparecendo “préstitos intermináveis de alto a baixo das páginas, combates de laranjinhas de cheiro, famílias de pretos encartolados” na “rua, sob a risota espremida das meninas janeliras”<sup>49</sup>. Assim, em meio ao “brilhantismo” carnavalesco, “a arte da caricatura, bem tratada, se espalhava” pelas cidades, “nos escudos dos postes e nos panos, à guisa de bandeiras, penduradas nos centros das

---

<sup>49</sup> LOBATO, Monteiro. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo Brasiliense, 1955. p. 18.



PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

ruas enfeitadas”<sup>50</sup>. Nesse quadro, “a sátira escrita através de charges” tornou-se “extremamente popular” e proliferou, “ainda mais, quando as festividades carnavalescas tinham início”, em um quadro pelo qual, “a anedota sugere que nesta festa profana, a sacralidade não estaria presente em nenhum espaço e nem podia ser atribuída a qualquer personalidade”<sup>51</sup>.

No caso do hebdomadário pelotense, a cobertura do carnaval foi significativa, de modo que, “embora efêmero, foi um periódico significativo por veicular uma série de imagens sobre o carnaval realizado” no ano de 1883<sup>52</sup>. A primeira referência deu-se em relação aos precursores passos das comemorações carnavalescas, referindo-se o semanário ao “entrudo na Praça Pedro II”, trazendo “cenar da noite nas proximidades do carnaval”. A folha esclarecia que “não há alusões a ninguém”, tratando-se apenas de uma “crítica aos costumes”, destacando que, “no ano da graça de 1883”, no “passeio público”, as pessoas começavam a divertir-se, havendo a incidência de conversas, além da presença de homens a assediar mulheres<sup>53</sup>.

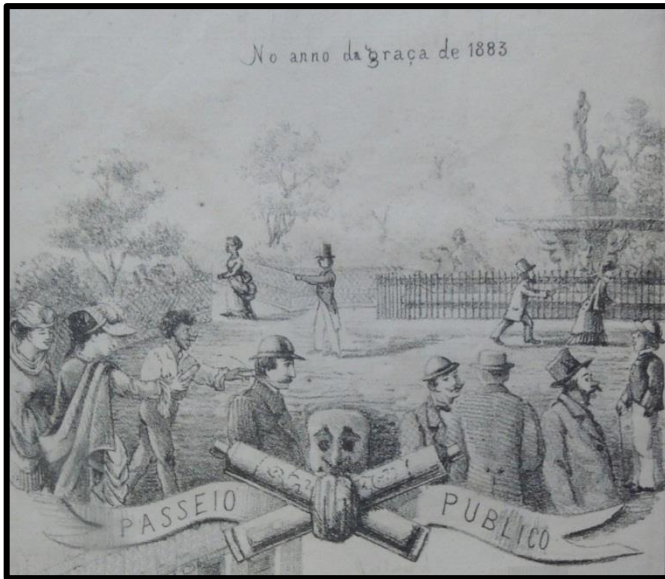
---

<sup>50</sup> LIMA, 1963. p. 65.

<sup>51</sup> CUNHA, Fabiana Lopes da. *Caricaturas carnavalescas: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da óptica das revistas ilustradas Fon-Fon e Careta (1908-1921)*. São Paulo: Universidade de São Paulo 2008. v. 1, p. 58 [Tese de Doutorado].

<sup>52</sup> LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Traços da política: a imprensa ilustrada em Pelotas no século XIX*. Porto Alegre: Editora Fi, 2017. p. 50.

<sup>53</sup> ZÉ POVINHO, 21 jan. 1883, p. 2 e 4.



Em outra ilustração, a publicação descrevia o cenário em que “o Deus Momo e o seu séquito batendo às portas da cidade, representada por uma princesa que dorme o sono da indiferença”, sendo apresentadas figuras fantasiadas que forçavam a porta de uma alegoria feminina alusiva à comunidade pelotense, que permanecia adormecida<sup>54</sup>. Em continuidade vinha outra cena em que o sono da figura alegórica feminina que designava a urbe não resistia ao alvoroço carnavalesco. De acordo com o periódico, era “a cidade que acorda sobressaltada aos alaridos de Dom Carnaval que, à força, quer penetrar em seus aposentos”<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup> ZÉ POVINHO, 21 jan. 1883, p. 2 e 5.

<sup>55</sup> ZÉ POVINHO, 28 jan. 1883, p. 2 e 5.

PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES



A quinta edição do periódico pelotense era dominada pela influência da época carnavalesca em sua parte ilustrada. Até mesmo a primeira página, normalmente destinada às homenagens encomiásticas, abria espaço para as folias do momento, em desenho protagonizado pelo próprio *Zé Povinho*, que não só cobria os eventos, como também participava ativamente dos mesmos, em um “Grande festival”, junto de outros fantasiados e sendo observado pelos habitantes por meio das janelas. O desenho era acompanhado por versinhos: “Viva o Zé Pereira/ Que a ninguém faz mal,/ Viva o Zé Povinho,/ Em dia de carnaval”. Segundo o periódico, naquele “grande festival carnavalesco”, o *Zé* desfilava em “carro triunfal, tirado por duas tartarugas, emblema da... paciência”. Outra cena a respeito do “carnaval em Pelotas (1883)” se passava “no leito da dor”, com a presença do “distinto clube *Satélites de Momo*, no leito do sofrimento, vítima de um ataque de sonambulismo inveterado pela epidemia da atualidade”, ou seja, “a falta de coquimbos que as máscaras lamentam”, diante do que a folha fazia “votos pelo seu restabelecimento... para o ano”. Uma nova ilustração trazia dois indivíduos que representavam clubes carnavalescos citadinos, “Demócrito” e “Heráclito”, estando “invertidas as posições”. A tal respeito explicava o hebdomadário que “o ilustre Demócrito, que outrora ria e folgava”, aparecia “a chorar pitangas, enquanto o seu oposto, que chorava as misérias do mundo, segundo a retórica literária, ri a bandeiras despregadas das suas tristezas e melancolias”. O quadro era completado, “ao fundo”, com “o estandarte em outras eras glorioso, envolto em coroas de goivos, perpétuas e... saudades”, vindo a folha a concluir que “anda tudo às avessas!”. Outra agremiação trazia o

PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

objeto do qual se derivava o seu nome, o saca-rolhas, ao mesmo tempo em que seus integrantes preparavam-se para a folia, de modo que estavam as “armas ensarilhadas”, enquanto “as falanges... rezam”. Na concepção do semanário, tratava-se dos “saca-rolhas ensarilhados com as garrafas, suas companheiras de trabalho”. A participação dos negros era também representada, com o “Clube Nagô”, no qual “tudo dança, tudo brinca”, havendo “grande barulho, grande entusiasmo entre os *nagoeiros* – dança-se, canta-se e pula-se – vivam os ditos”<sup>56</sup>.

---

<sup>56</sup> ZÉ POVINHO, 28 jan. 1883, p. 1, 2, 4 e 5.

ANNO 1 PELOTAS 4 DE FEVEREIRO DE 1883 Nº 5

# OVINHO

HONI SOIT QUI MALY PENSE

CIDADE		PUBLICADO POR F. R. NORONHA		PARA FORA	
ANNO	1883	REDACÇÃO		ANNO	1883
SEMESTRE	1º	20 RUA 7 DE SETEMBRO 20		SEMESTRE	1º
QUINZENA	1ª			QUINZENA	1ª

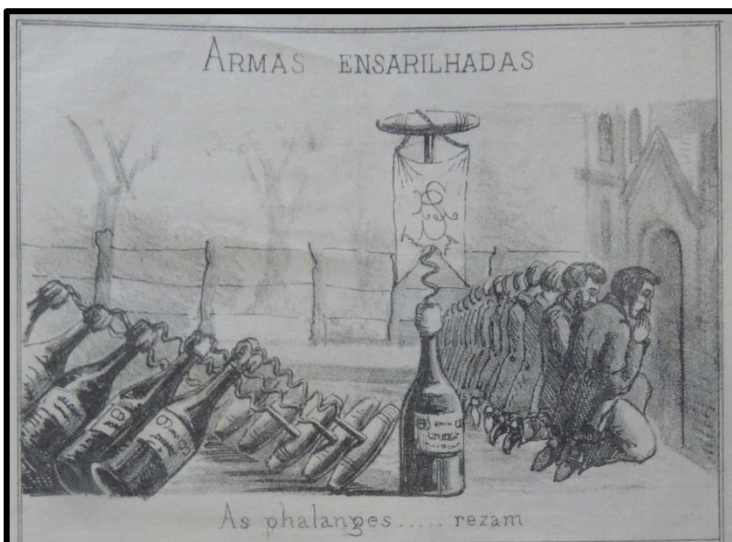
## GRANDE FESTIVAL

Viva o Sr. Pereira  
Que a ninguém faz mal,  
Viva o Sr. Povinho  
Em dia de Carnaval.

PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES







PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES



O ensejo das fantasias servia como pretexto para que o *Zé Povinho* não só se referisse ao carnaval como incrementasse a prática da crítica de costumes, estampando os “figurinos do dia”. Havia assim a representação de “um pulha”, o qual aparecia com uma fantasia de almofadinha, referindo-se a uma pessoa sem brio ou a um bandalho, além do que a expressão trazia também a ideia de peta, mentira e logração, bem propícias daquele momento do ano. Aparecia também um misto de mágico, astrólogo e astrônomo, com vista perdida em meio às estrelas, em referência à “passagem

de Vênus". Já "um guerreiro infantil" constituía um fantasiado que arremedava um falso militar ou cavaleiro medieval, com alusões até mesmo a um quixotismo. Outro folião brincava com "uma bexiga", instrumento muito comum nas festividades de Momo e que causavam intensos incômodos, uma vez que o objetivo do utensílio era o de molhar os transeuntes. Houve ainda a presença de indivíduo que trajava roupas normais, não estando fantasiado como era de esperar para aquele momento, carregando um enorme guarda-chuva e estando como que alheio às comemorações de então, perdido em pensamentos, ou como dizia o semanário, "filosofando". Na conclusão do conjunto caricatural, o *Zé Povinho* aparecia vestido de Pierrô, junto de outros fantasiados, de maneira que estaria "despedindo-se do carnaval com antecipação"<sup>57</sup>. Em outra edição, o periódico apresentava "uma retificação do quadro do número anterior", acerca das disputas entre os grupos carnavalescos, de modo que "os Demócritos riem, folgam e são... sempre os mesmos". Surgia ainda o *Zé Povinho* a surpreender os integrantes de tal clube em comemoração, destacando as "recordações do primeiro baile dos Demócritos", em "segredo". Ao final aparecia o funeral do próprio Momo, ou ainda um "projeto de enterro do carnaval"<sup>58</sup>.

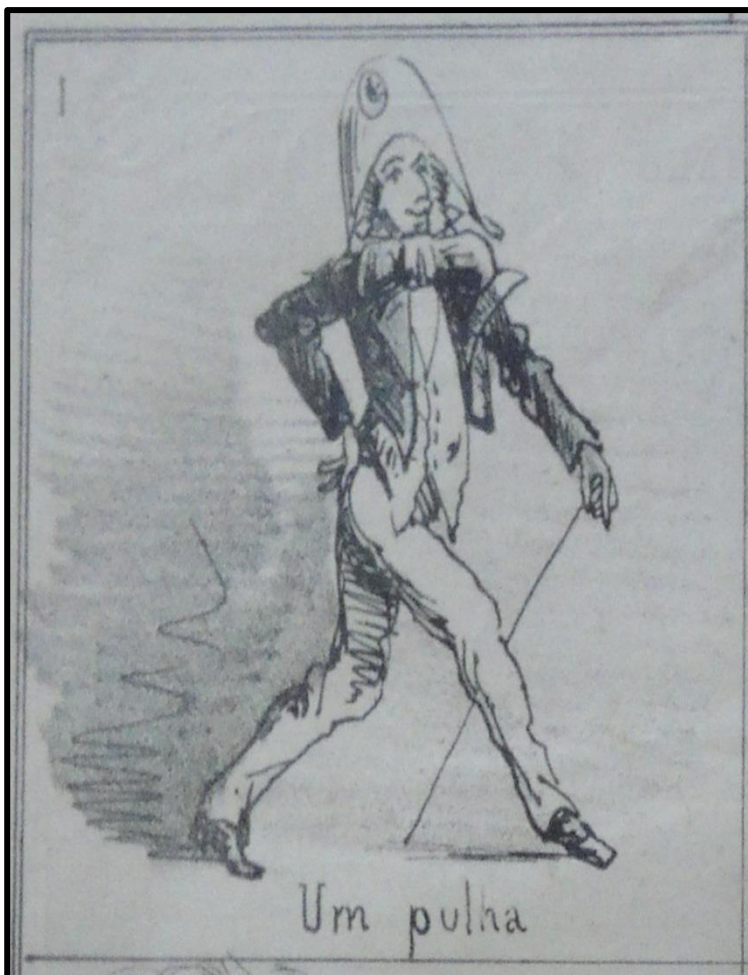
---

<sup>57</sup> ZÉ POVINHO, 28 jan. 1883, p. 2 e 8.

<sup>58</sup> ZÉ POVINHO, 11 fev. 1883, p. 3 e 8.

PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

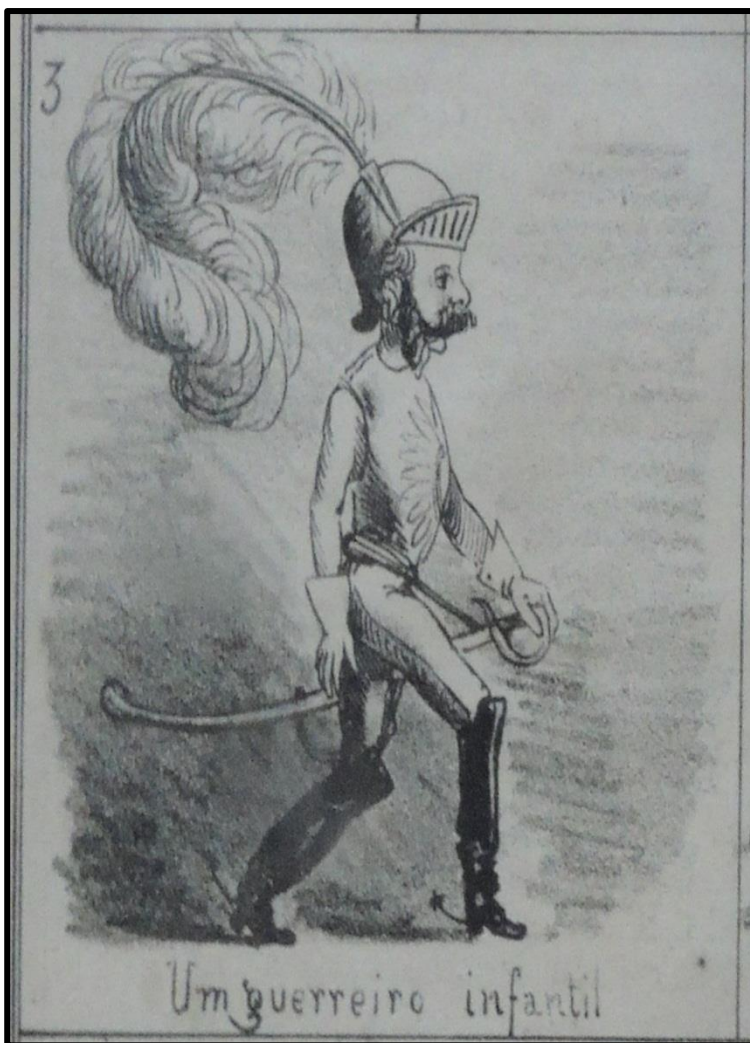
FIGURINOS PARA HOJE







PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES







PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES





PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES



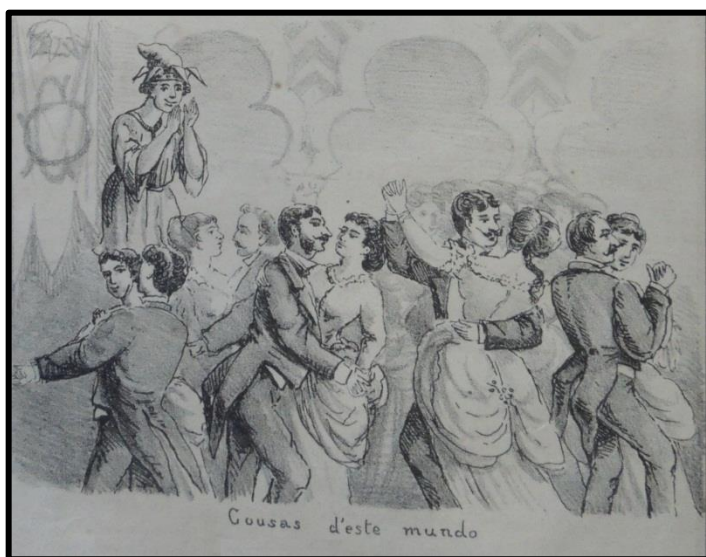
A pauta do periódico permanecia vinculada às folias carnavalescas, evidenciando mais uma vez um dos clubes citadinos e ressaltando o término das festividades, ao trazer “A pinhata dos Demócritos”, que, “em continuação”, mostrava, em dois desenhos, “o enterro do carnaval com valsas e polcas”, sugerindo uma suposta tristeza pelo fim das comemorações, mas, em verdade, tratava-se de mais uma das cenas fantasiosas do período, pois o que prevalecia era a alegria e a dança, como uma “coisa” comum “deste mundo”. Houve também a presença de dois conjuntos caricaturais que apresentavam o “Testamento do carnaval”, com a explicação da folha que se tratava de “deixas constantes do testamento do Dr. Momo”, vindo a esclarecer que faltavam “algumas por falta de espaço”, além de notificar que “os interessados queiram reclamá-las ao respectivo testamenteiro, que serão atendidos”. A comicidade e a crítica mesclavam-se no quadro, pois a publicação não só mostrava objetos, utensílios, peças do vestuário e partes do corpo, que teriam sido perdidos, como lugares que compunham o cenário citadino que continham algum tipo de limitação<sup>59</sup>. Passados dois meses do carnaval, o semanário revelava a relevância dos clubes voltados a tal festa em meio à comunidade, ao registrar a “Mudança dos Demócritos”, com os trabalhos efetuados para a mudança de sede dos mesmos<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> ZÉ POVINHO, 18 fev. 1883, p. 2 e 4, 5 e 8.

<sup>60</sup> ZÉ POVINHO, 15 abr. 1883, p. 3 e 4.

PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES





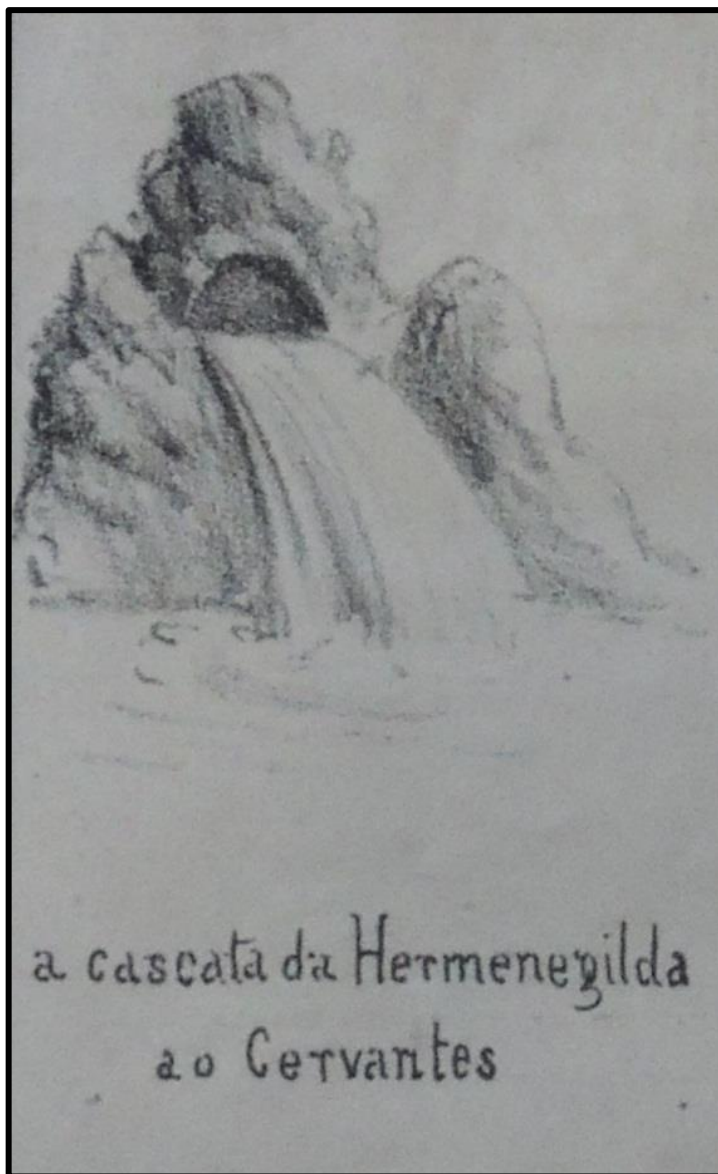
TESTAMENTO DO CARNAVAL



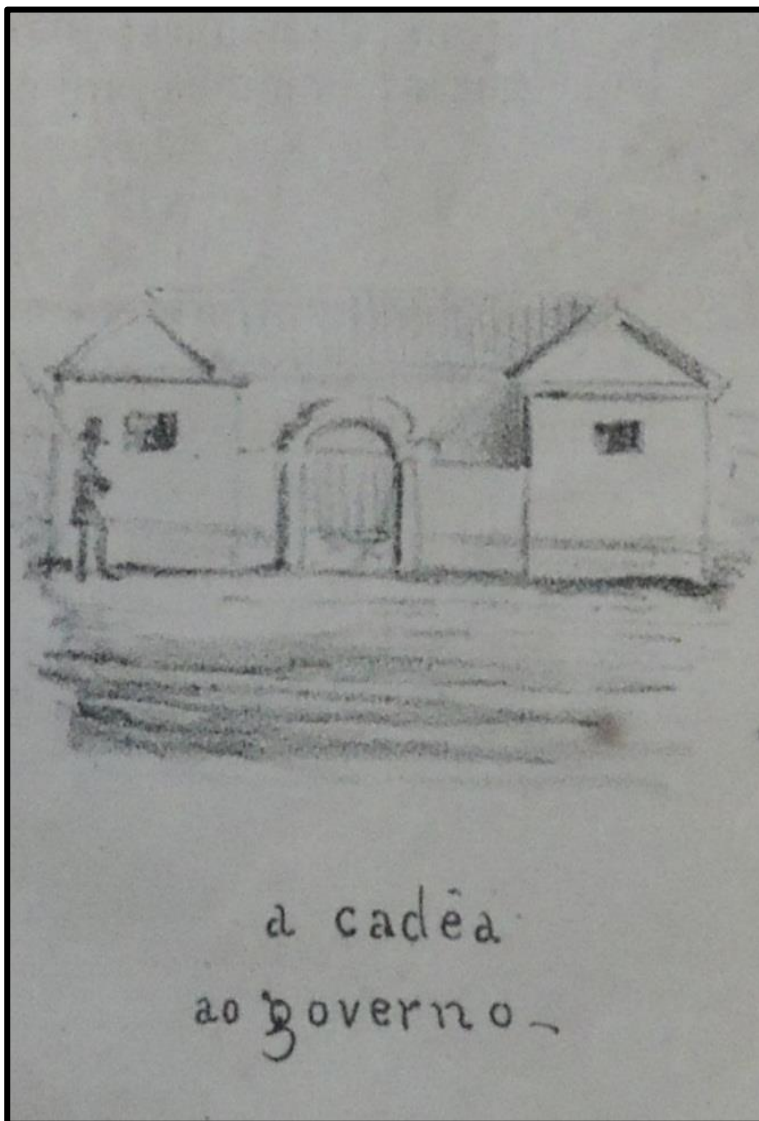
PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES

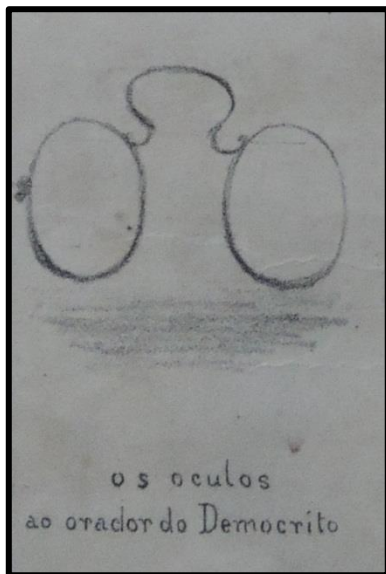
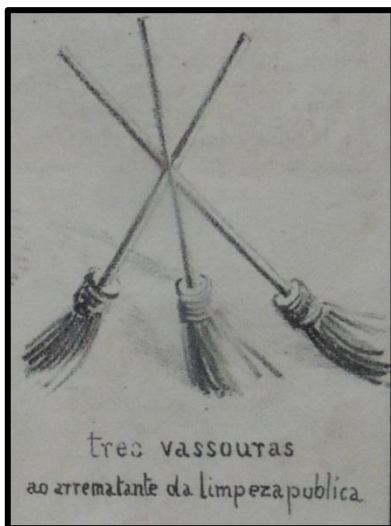




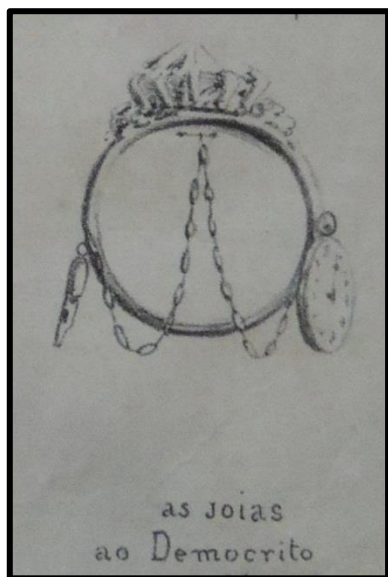
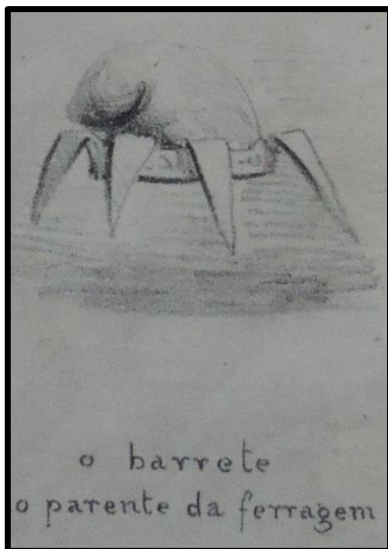


PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES





PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES





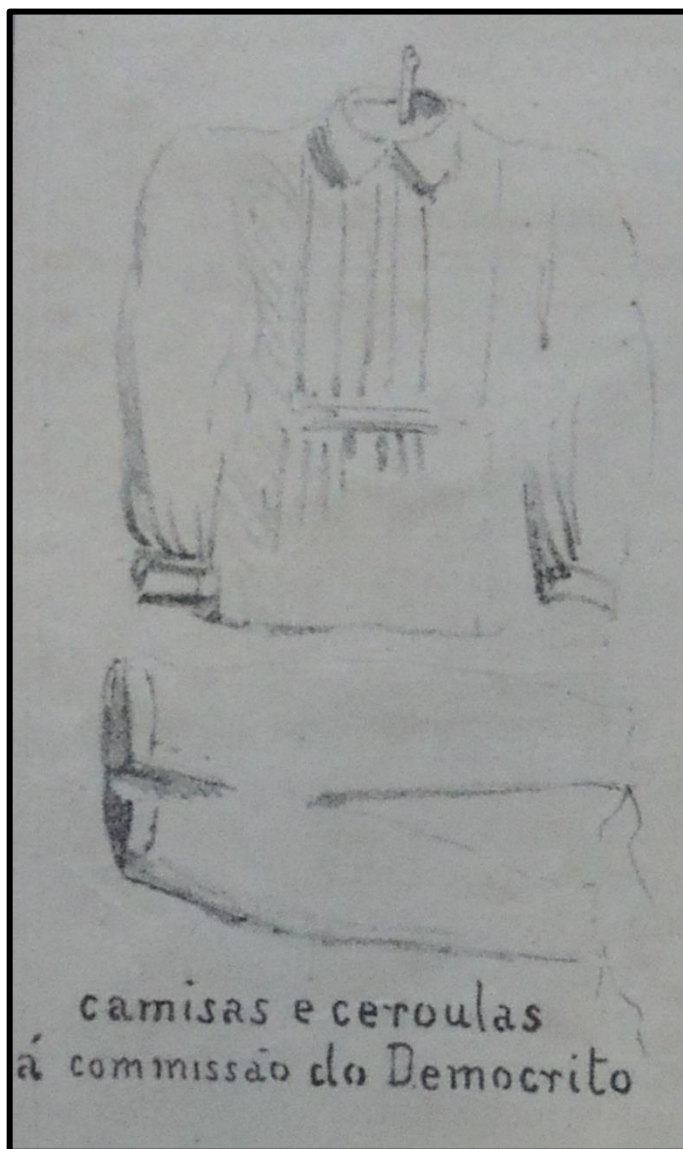
PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES







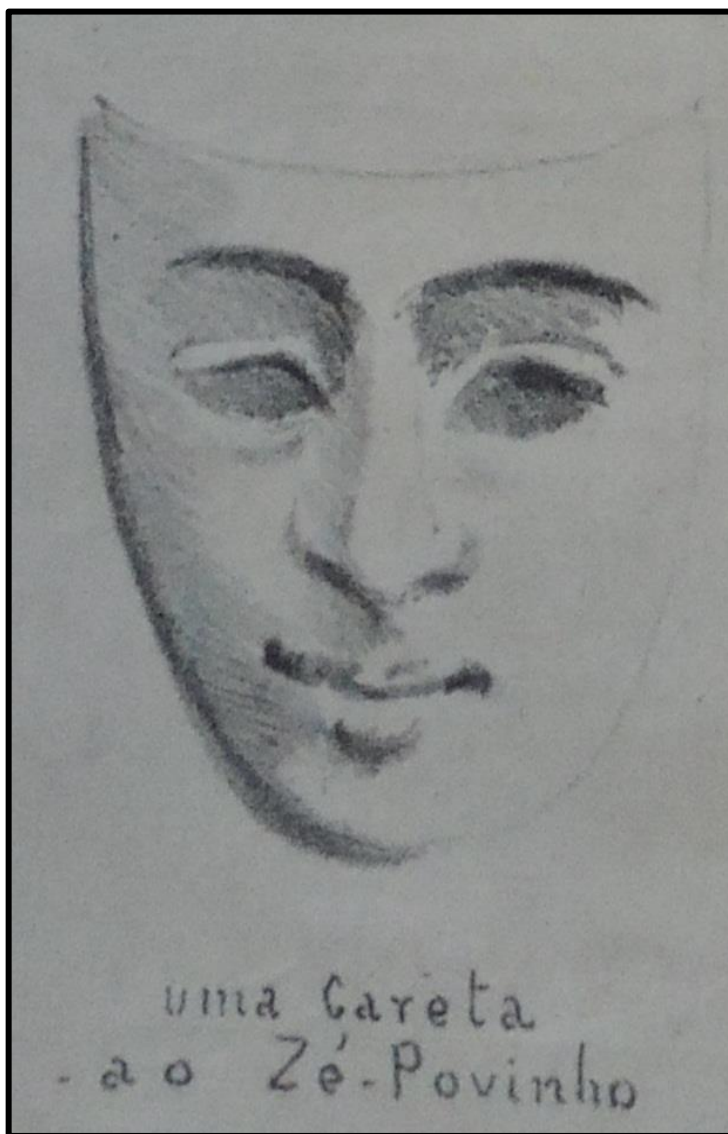
PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES





PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES





PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES







## PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE COSTUMES

Um outro registro imagético no que tange ao social e aos costumes trazido pelo *Zé Povinho* foi o realizado quanto a um grupo que visitava a cidade. Tratava-se de um povo nômade, o qual era identificado como “beduínos”, constituindo tal denominação uma peculiaridade regional pela qual eram conhecidos os ciganos. O periódico refletia a óptica do estranhamento dos brasileiros ao observarem os viajantes estrangeiros, prevalecendo o olhar sobre o outro. Nesse quadro, se dava a “tensão entre *memória* e *prospectiva*”, com figuras “de *opacidade* e *transparência*” e as referências ao “notável”, ao “memorável”, ao “pitoresco” e ao “diferente”<sup>61</sup>. Dessa maneira, “a percepção do outro depende da leitura dos seus fenômenos expressivos dos quais o olhar é o mais prenhe de significações”<sup>62</sup>.

Essa observação do outro leva em conta não só o “conhecer”, mas também o “comprovar” e “verificar se os códigos de conduta” de uns “se ajustam ao modelo exemplar” dos outros. Sob tal perspectiva, “a regularidade e a repetição suscitam o desejo do imprevisível, a monotonia gera a esperança do extraordinário e do admirável”, de modo a “participar da ilusão dos contrários”<sup>63</sup>. Assim, o intento fundamental do olhar leva em conta “a especificidade das diferenças, ou, pelo menos”, reflete “sobre elas” e

---

<sup>61</sup> RITA, Annabela. *No fundo dos espelhos [III] – em visita*. Porto: Caixotim Edições, 2007. p. 11 e 272.

<sup>62</sup> BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto et al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 77.

<sup>63</sup> GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 26-27 e 87-88.



manifesta “a complexidade de reações que essa dualidade de éticas e mesmo de estéticas implica”<sup>64</sup>.

Um dos olhares do *Zé Povinho* a respeito dos “beduínos” levou em conta a forma de habitação dos mesmos, caracterizada pela transitoriedade, como era típico dos povos nômades, o que causava o estranhamento em meio a uma sociedade como a local, em meio a qual um dos desejos sociais mais presentes era o da fixação de uma moradia, tanto que na legenda chegava a lançar uma interrogação: “Tribo (?) errante – os beduínos”<sup>65</sup>. As atividades fúnebres do povo visitante eram retratadas em “A morte da pitonisa”, referindo-se aos ritos funerários da figura da sacerdotisa/profetisa, realizados “no acampamento, na ponte Santa Bárbara” e no “cemitério”, buscando captar as dissemelhanças e similitudes em relação aos rituais funéreos brasileiros. A abordagem do periódico foi descrita como “três passos depois da morte da pitonisa dos beduínos – cena de lágrimas”<sup>66</sup>. A partida dos visitantes foi o último registro do semanário, apresentando “os beduínos em retirada”, vindo a desejar-lhes uma “boa viagem”<sup>67</sup>.

---

<sup>64</sup> SEIXO, Maria Alzira. Entre cultura e natureza: ambiguidades do olhar viajante. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 30, p. 120-133, junho/agosto 1996. p. 123.

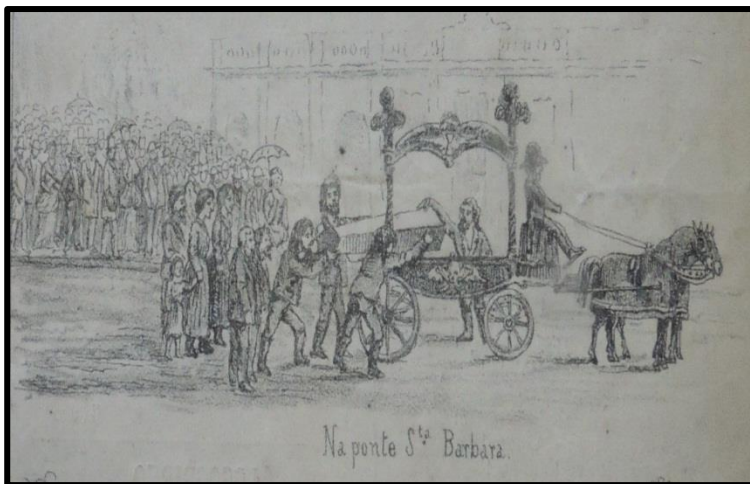
<sup>65</sup> ZÉ POVINHO, 7 jan. 1883, p. 8.

<sup>66</sup> ZÉ POVINHO, 11 mar. 1883, p. 2 e 8.

<sup>67</sup> ZÉ POVINHO, 18 mar. 1883, p. 3 e 8.

PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES





PERIODISMO PELOTENSE E CARICATURA: O ZÉ  
POVINHO E A CRÍTICA POLÍTICA, SOCIAL E DE  
COSTUMES



Quando adquire “uma dimensão social, a caricatura se torna uma arte autônoma”, voltando-se ao espírito crítico que passava a julgar a sociedade nos seus mais variados segmentos<sup>68</sup>. A arte caricatural traz em seu conteúdo “o pitoresco de uma sociedade, as suas grandezas e misérias, constituindo um verdadeiro reflexo dos modos de ver, de ser e de parecer de uma época”. Com “temas abordados extremamente ecléticos”, que “vão desde a política aos costumes, passando pela sociedade e pela economia”, a caricatura sugere “por si só, algumas características da

---

<sup>68</sup> MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 304.

mentalidade da época”<sup>69</sup>. O *Zé Povinho* cumpriu muito a contento esse papel, exercendo o jornalismo opinativo e de natureza joco-séria, ou seja, abordando assuntos considerados sérios em tom humorado. Nesse sentido, ainda que mantendo sua postura mais moderada, o semanário pelotense assumia o papel de moralizador e regenerador da sociedade, apontando/denunciando as mazelas que a afligiam, exercendo assim a prática da crítica social e de costumes.

---

<sup>69</sup> MORAIS, Fernanda Borges Ferreira; MAGALHÃES, Maria Benedita Cabral de & MORAIS, Maria José da Silva. *A caricatura: um recurso educativo nas aulas de História*. Lisboa: Associação de Professores de História, 1996. p. 6.



## COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025



**BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE**



**ISBN: 978-65-5306-016-6**